



Fátima Sá Sarmento

Rompendo a aurora entre versos, rimas e prosa

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rompendo a aurora
entre versos, rimas e prosa

Maria de Fátima de Sá Sarmiento

**Rompendo a aurora
entre versos, rimas e prosa**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Maria de Fátima de Sá Sarmento

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – abril de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sarmento, Maria de Fátima de Sá
Rompendo a aurora : entre versos, rimas e prosas / Maria de Fátima de Sá Sarmento. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
120 p.

ISBN: 978-65-86751-74-1

1. Literatura brasileira 2. Poesia brasileira I. Título

21-0981

CDD B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Hoje

Preciso de você, mesmo sem interagir
Sem responder, sem perguntar!
Preciso de sua presença sem cor
Nem dor, nem discussão sem sentido
Só preciso de seus ouvidos, das suas linhas
Da sua suavidade, preciso de, pelo menos, sua metade
Suas linhas retas, quero um momento nosso
Um momento meu, quero te contar, contar
E contar mais ainda com você, hoje, amanhã
Sempre que der e vier, estaremos juntos
Quero falar de uma coisa, de duas ou mais ideias
Quero que o mundo todo se feche, mas você não.
Meu querido, nosso entendimento é total
Meu diário, minha licença e coisa e tal
Quero a sua presença com tudo que for legal

Dedico este livro, minha aurora, ao meu avô José Alfredo, minha mãe, filhos, minha prima Maria e aos leitores que como eu, curam-se pela poesia.



Ao leitor

Observe ao redor com olhos de um passarinho
Depois, cante pelo que observou, mostrando
O teor dos sentimentos através de uma canção
Alegre ou triste, isso você quem decide.

Prefácio

Você já se imaginou no íntimo de alguém, penetrando os segredos mais ocultos? Já imaginou desvendar, gota a gota, um estilo de vida de alguém? A solidão foi a causa secreta de meus versos nascerem. Sou suspeita para dizer qualquer coisa de mim ou da obra que vos apresento. No entanto, posso repetir palavras escritas por uma amiga queridíssima, a quem conheci em meio ao horror de 2020. Foi no Corujão da Poesia online, evento coordenado João Luiz de Sousa, o João do Corujão. Foi de lá, do Rio, que recebi a declaração de Mariney Klecz:

“Conhecer Fátima de Sá Sarmiento foi uma das mais gratas surpresas nestas transmissões poéticas que se apresentam por agora. Poeta intensa e arrebatadora, é presença significativa e imprescindível. Apaixonados e apaixonantes, seus poemas trazem uma efervescência que contagia almas sensíveis.”

Movida por isso, apresento meus singelos versos como uma confissão de êxtase poético. São feitos de repente, em detalhes fracionários de sentimentos reverberantes de poetização. Sou produto de um meio rural, lugar em que todos puxam um dedo de prosa no entardecer do dia. Por isso, à madrugada, quando tudo é mais silencioso, faço meus versos sonados e de verdades que só um poema pode apresentar. Desejo que sigam as minhas pegadas poéticas, que durante sete meses tenho seguido, como os olhos de uma corujinha na escuridão. Indo além da poesia, vou presenteá-los com uns contos para pontos.

Fátima de Sá — Paraíba

Sumário

Acróstico

Nascido da solidão	17
--------------------------	----

Contos

Alma	19
------------	----

Ilusão	23
--------------	----

Cordel

Realidade descrita	27
--------------------------	----

Haikais - Guilhermino

Produto	29
---------------	----

Sem sono	29
----------------	----

Observei	29
----------------	----

Homenagens

Meu avô materno	31
-----------------------	----

Insistente	33
------------------	----

À poesia	34
----------------	----

A magia das Marias	35
--------------------------	----

Humor

Conversa de bêbados	37
---------------------------	----

Outrora	38
---------------	----

Pensamento	40
------------------	----

Poesias de amor e amizade

Amigo?	41
Ser amigo	42
Quem ama	43
Labaredas	44
Amor se renova	45

Poesia cristá

Amor infinito	47
---------------------	----

Cotidiano

Giro	49
O outro	50

Poesias: desamor

Aurora	53
Tempestade	54
Partícula	55
Trapaça	56
Sem concerto	57
Mágoa	59
Danação	60
Nada restou	61
Reinvenção	62
Amar, não se destroçar!	64
Desmedida	66
Abismo	68

Poemas de recordação

Da gente	69
Costume	70
Refúgio	71
Sem fingimento	72
À minha mãe	74
Nasceu... ..	76
Fé	77
Teus olhos	78
À procura	79
Vitimizadas	81
Na volta da vida	82
Chorei	83
Inferno sem igual	84
Retalho das horas	85
Existo	87
Indecisão	88
Pensoarte	89
Entrelaçados	90
Poetização	92
Inquebrantável	93
Fora, fora, fora, fora!	95
Vitória	96
Palavra ou poeta?	98
Suspeita poética	99

Solidão

Perdida	101
O sentido	102

Medo

A pandemia em poesia	103
----------------------------	-----

Sonetos

Desapego	105
Lá no sertão	106
Vadio	107

Poemas sobre poesia

Ilhada	109
A poesia acalma	111
Terapoética	112
Em cada rima	113
Beleza	114
Poema	115
Abreviadas letras	116
Ser mulher	117
Mulher	118
Cores	119

Acróstico

Nascido da solidão

Memória afetada e desespero
Escondo minha cabeça no travesseiro
Umedeço meus lábios, é medo!

Parece que não respiro mais nada
Organizo meus pensamentos, mas é parada
Engano meu, mais uma vez tremendo
Morro só de pensar encontro com ele
Antes era só estatística, falação

Nem de longe pensei com razão
Amava a minha coerência, minha sensatez
Somente hoje sinto que esse mundo doido
Certamente teria mais valor com altivez
Em geral daquelas pessoas sensacionais
Unidas às demais, fazendo ações com solidez

De uma forma tão real, natural e solidária
Amando aquilo que fazem e contribuindo com a paz

Só assim a sociedade ferida, machucada, incapaz
Organismos sociais e governamentais unidos
Libertará a vida de inimigos invisíveis, mortais

Igual às pragas do Egito, mesmo letal
De todo o mal que há, o mundo se libertará,
Amor e ação humana se juntarão,
Onde a vida for aguerrida, centrada, total

Contos

Alma

O lugar onde Ana morava era praticamente deserto. A secura das terras e árvores combinava com os sentimentos de muitos moradores da localidade. A menina tinha manias como qualquer uma da mesma idade que a dela, muitas vezes, eram sentimentos estranhos, outras nem tanto.

A família de Ana nasceu na zona rural e lá permaneceu, pessoas simples, amigáveis para com outras famílias da região. O maior problema daquela gente era a falta d'água. Por essa razão, muitos saíam de lá para apanhar água muito longe, numa cacimba em outra propriedade. Certa vez, mãe e filha foram juntas à bendita cacimba. Ora, naquela região corriam inúmeros boatos; talvez para assustar os outros, contavam lendas macabras. Histórias de assombração e alma penada, que se conheciam como histórias de caçador.

Já ia entardecendo. Naquele dia, a luz do sol estava bem mais fraca, e as duas mulheres iam apressadas, antes de escurecer, o que tornaria difícil para equilibrarem a lata d'água na cabeça.

A mãe de Ana morria de medo de alma penada, assombrações e tudo que ousasse aparecer de repente. A menina, por sua vez, era muito, muito estranha e nada temia. Esquecendo do medo da mãe, Ana começou um papo esquisito. Ela perguntou:

— Mãe, a senhora já viu uma alma?

A mulher olhou rapidamente para ela e disse:

— Ora, menina, tá maluca? Deus me livre! Não quero saber dessas coisas.

A menina, de novo, questionou:

— Mas se visse uma, o que faria?

A senhora olhou para a filha, uma vez e outra. Os olhos pareciam maiores que o normal. Pensou em quantas vezes ela tinha parecido anjo delicado, quase etéreo. Estava diferente, por isso indagou:

— Ó, Ana, por que essas perguntas agora? O que está havendo?

— Nada não, vamos, senão vai ficar de noite.

Na verdade, a noite já estava aí, linda e misteriosa. Pronta e arreada, como fala o nordestino maneiro. Quando elas estavam voltando, de repente, de longe, algo se movimentou. Não puderam ver o que ou quem se encontrava lá adiante. A mãe já estava tremendo de medo. Toda arrepiada de terror, tão genuíno que não se podia calcular. Olhou em direção à filha e novamente a achou estranha. De repente, não conseguiu acreditar no que via: a menina estava feliz? Estava rindo, como se estivesse ensandecida. Talvez estivesse louca, isso sim.

Sem entender nada, a mãe argumentou à filha:

— Menina, não está com medo? Estamos prestes, provavelmente, a ver uma assombração de perto e você não está nem aí?

Ana olhou profundamente para a figura distorcida lá adiante, depois se voltou para a mãe e respondeu:

— Ah, relaxa, mãe, não fica nervosa, essa alma é bem boazinha, não assusta ninguém. Pior se fosse a outra, que é braba! Essa é do bem.

Sem acreditar naquilo, Dona Irma, a mãe de Ana, questionou:

— O que entende dessas coisas?

— Ora, mãe, eu não só vejo almas, como também converso com elas.

A mãe desmaiou de susto!

A menina emitiu uma gargalhada insana e sumiu.

Aurora

Sou tão feliz com o tempo
Que passo a me desaguar
Entre versos e rimas
Entre amor e ilusão
Se faço feliz o coração
De quem lê o meu refrão
Como um rouxinol
Rompo a aurora do dia
Com amor na melodia
Mesmo sangrando de dor
Como um espinho na carne
Rasgando a pele suave
O sofrimento resvala
Minha mente se abala
Ora penso se aguento
Ora juro que arrebento.